

A Experiência da Morte e do Morrer – Aproximações entre a Sociologia, Filosofia e a Filosofia da Saúde
THE EXPERIENCE OF DEATH AND DYING – APPROACHES BETWEEN SOCIOLOGY, PHILOSOPHY, AND THE PHILOSOPHY OF HEALTH

*Eliana Aparecida de Paula Silva**
*Isabela Alline Oliveira***
*Viviane Cristina Cândido****

RESUMO

Comumente as reflexões acerca da morte estão associadas a um antagonismo entre a vida e a morte e à compreensão isolada de diferentes áreas. Este artigo pretende pensar sobre o fenômeno social da morte a partir da Filosofia da Saúde. Para refletir sobre os aspectos sociológicos da morte, fizemos referência à obra *A solidão dos moribundos*, seguido de *Envelhecer e Morrer*, de Norbert Elias, que evidencia a institucionalização da morte e suas consequências para sua percepção como parte da vida. Para subsidiar a reflexão filosófica, nos baseamos na obra *Ecce homo* do filósofo Friedrich Nietzsche, em que faz uma releitura sobre si mesmo, de como conviveu com a sua doença e tomou para si a sua cura, nos permitindo pensar na saúde, na doença e na morte como parte da vida. Considerando que o domínio da investigação do tema da morte e do morrer é vasto e multidisciplinar, a Sociologia e a Filosofia contribuem, cada qual com a sua especificidade para compreendermos esse processo e podem abrir um caminho dentro do âmbito da saúde, a partir de uma Filosofia da Saúde que, ao pensar as ciências da saúde e as práticas de seus profissionais, pressuponha a transdisciplinaridade.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia da Saúde, Sociologia, Filosofia, Saúde, Morte.

ABSTRACT

Reflections on death are commonly associated with an antagonism between life and death, as well as with isolated understandings of different fields. This article aims to consider the social phenomenon of death from the perspective of the Philosophy of Health. To reflect on the sociological aspects of death, we reference Norbert Elias' work *The Loneliness of the Dying*, followed by *Aging and Dying*, which highlights the institutionalization of death and its consequences for perceiving it as part of life. To support the philosophical reflection, we base our discussion on Friedrich Nietzsche's *Ecce Homo*, in which the philosopher reinterprets himself, reflecting on how he coped with his illness and took charge of his healing, allowing us to think of health, illness, and death as parts of life. Considering the vast and multidisciplinary scope of death and dying as a subject of investigation, Sociology and Philosophy each contribute with their specificities to understanding this process and can pave the way for a Philosophy of Health. This approach, when applied to health sciences and professional practices, presupposes transdisciplinarity.

KEYWORDS: Philosophy of Health, Sociology, Philosophy, Health, Death.

* Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Filosofia da Saúde - UNIFESP/CNPq – UNIFESP, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: elianaamorim08@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8598705726036543>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5596-0039>.

** Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Filosofia da Saúde - UNIFESP/CNPq – UNIFESP, São Paulo, SP, Brasil. E-mail: isabela.a.oliveira@ufes.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7940078959457228>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2721-8205>

*** Docente da Escola Paulista de Medicina - Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: candido.viviane@unifesp.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4541220233773056>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4164-0245>.

Introdução

Diante de todas as coisas que, em pleno século XXI, julgamos compreender e sobre algumas que, inclusive, exercemos algum controle, a morte segue sendo uma exceção, um tema intrigante da existência humana ainda não esgotado, tanto nas experiências individuais quanto nas coletivas. Por meio das lentes da filosofia, da ciência e da religião, tentamos propor alternativas interpretativas, elucidar dúvidas, mas a morte carrega algo elusivo, uma complexidade múltipla, tornando-se campo de investigação inesgotável. Em *A Solidão dos Moribundos* seguido de *Envelhecer e Morrer*¹, Norbert Elias observa que “o problema social da morte é especialmente difícil de resolver porque os vivos acham difícil identificar-se com os moribundos²” (2001, p.2). Por isso, muitas áreas do conhecimento se ocupam até os dias atuais sobre o tema, dentre elas, a Sociologia, a Filosofia e, mais precisamente, considerando o lugar de onde queremos tratar o tema da morte, a Filosofia da Saúde.

Por essa razão, ao discorrer de um ponto de vista da Filosofia da Saúde, introduziremos o conceito de transdisciplinaridade para fundamentar metodologicamente a discussão teórica, entendendo que ele nos possibilita refletir sobre a morte além das fronteiras das disciplinas, permitindo uma análise que transcende as limitações de áreas como a

1 *Über die Einsamkeit der Sterbenden in unseren Tagen* foi escrito por Norbert Elias em 1982 e publicado pela primeira vez no mesmo ano. No Brasil, foi publicado em 2001 pela Editora Zahar, com tradução de Plínio Dentzien. Segundo nota da edição, *Envelhecer e Morrer*, trata-se de uma edição revisada de uma conferência apresentada por Elias em um congresso médico em 1983.

2 *Sterbenden* é um termo em alemão para designar pessoas em processo de morte. A tradução para o português usada neste artigo optou pelo termo *moribundo*. Segundo o dicionário Houaiss moribundo é “que ou o que está morrendo, que ou o que agoniza”.

Filosofia, Sociologia e Saúde. Esse enfoque abrangente também torna possível considerar tanto a objetividade do conhecimento quanto a subjetividade dos indivíduos diante da morte como parte da condição humana, bem como o processo de morrer. Com isso, buscamos desenvolver um conhecimento que possa orientar a prática na área da saúde, embasado em uma reflexão que integre diferentes disciplinas.

Sendo a morte uma evidência para o ser humano e para a sociedade, faz parte do dia a dia do cuidado e da assistência em saúde. Podemos afirmar isso a partir de dados expostos no levantamento feito pelo Instituto de Estudos de Saúde Suplementar que apontou que, em 2016, 819 pessoas morreram por dia nos hospitais do Brasil, por conta de situações que poderiam ser evitadas (Arengheri, 2017). Com base em dados mais recentes publicados no World Health Statistics 2023 sobre a pandemia de COVID-19 pela OMS, estima-se que tenham ocorrido 14,9 milhões de mortes diretas ou indiretas. Esses dados, embora se refiram especificamente à COVID-19, indicam como a morte no contexto recente tornou-se um fenômeno de relevância na área da saúde e na sociedade em geral. O aumento da longevidade e das doenças crônicas, bem como o número de pessoas em cuidados paliativos, por sua vez, exigem um olhar para o processo de morrer.

Em se tratando de familiares e profissionais ligados, por exemplo, às doenças crônicas em seu estado grave, aos cuidados paliativos, às urgências e emergências em atendimento hospitalar, com certeza encontraremos pessoas que podem testemunhar esse encontro da área da saúde – e nela pacientes, familiares e profissionais – com a morte e o processo de morrer. Sendo assim, ao pensarmos em uma Filosofia que interage com a área da Saúde, tais temas exigem nossa atenção.

A Filosofia se dedica a pensar a condição humana e, como parte dela, a reflexão sobre a morte está presente, ora na tentativa de racionalizá-la, ora para ajudar a entendê-la, buscando contribuir para que possamos

Eliana Aparecida de Paula Silva
Isabela Alline Oliveira
Viviane Cristina Cândido

aceitá-la e conviver com essa certeza. Independentemente de quais sejam as épocas e lugares, as sociedades humanas vão compor a morte de diferentes maneiras: como um fato biológico; como um fenômeno social; como dado antropológico; como sentido da vida; como parte da espiritualidade, etc.

Na Sociologia, o ponto central de estudo é a relação das sociedades e dos grupos humanos frente à morte. Se a morte é universal, esta relação se estrutura dentro de um ambiente, não obstante, as representações e a vivência da morte, e mesmo a lembrança dos entes queridos falecidos, sempre organizaram as relações entre os vivos, até ser o alicerce de sua cultura. A escrita, a memória, a história das nossas sociedades teriam o lugar e a significação que têm hoje se a morte não existisse nas nossas vidas?

A morte é um fato social (Durkheim, *As regras do método sociológico*, 1895)³ e, como apontamos, ao mesmo tempo relacional, pois é ela que implica em uma redefinição das formas de sociabilidade, a partir do momento em que acontece. Esse fato social, afeta diretamente a relação entre as diferentes gerações e contribui significativamente para pensarmos a vida e, a partir disso e por consequência, a vida em sociedade. Se temos consciência do limite da nossa própria existência e das nossas interações dentro da sociedade em que vivemos, estudar a morte é importante para compreendermos a dinâmica social. Neste caso, colocar a morte e o

3 Émile Durkheim (1858-1917), sociólogo francês, foi um dos responsáveis pela consolidação da Sociologia enquanto ciência acadêmica. Com a criação de um método crível para investigar e analisar os fenômenos sociais e assim sendo criou vários conceitos importantes para se encontrar as causas desses fenômenos, objetivando uma reflexão sobre esses acontecimentos. Um exemplo é um dos seus trabalhos mais importantes, é “O suicídio” (1897) onde ele justamente analisa o suicídio, considerado até então, como um ato ligado apenas à saúde mental dos indivíduos. Para ele, o suicídio seria causado também pela anomia presente na sociedade industrial moderna.

processo de morrer sob perspectiva é colocar o tecido social e as relações que dela fazem parte também em perspectiva.

Os estudos sociológicos que colocam a morte como seu foco central são enriquecidos pela contribuição da Antropologia, que direciona o olhar para o ser humano e suas experiências. A Antropologia aponta que, em primeiro lugar, cada cultura possui sua própria interpretação do que constitui o significado da vida, isto é, daquilo pelo que vale viver e da importância da morte, refletindo em seus valores e crenças. Em segundo lugar, cada grupo social estabelece suas normas e ideias sobre o que é considerado aceitável em relação à vida e à morte. Em terceiro lugar, as diversas formas de morte, assim como as formas de existência, revelam aspectos importantes da cultura de cada sociedade. Portanto, ao analisarmos as representações da morte, podemos acessar elementos que contribuem significativamente para a compreensão dos valores e da estrutura social de um grupo e de uma sociedade.

Parece importante destacar duas diferenças cruciais entre a morte de qualquer outro ser vivo e a do ser humano⁴. A primeira é que o ser humano pode abreviar a sua vida, se essa for a sua vontade, através do suicídio. E a segunda é que, à medida que a morte se aproxima, inevitavelmente, o ser humano pode refletir sobre a contingência da morte e seus significados para sua vida presente ou futura. As reflexões sejam individuais ou coletivas sobre a finitude da vida e o seu próprio significado são fortemente influenciadas pelo contexto social e cultural em que o ser

4 Estudos recentes na área de ciências biológicas relatam episódios de animais que, de alguma forma, promovem algum tipo de rito relacionado à morte. Um exemplo disso é uma chimpanzé no Bioparc Valencia, na Espanha, que há 3 meses carrega seu filhote morto. O ponto central deste artigo é ainda a reflexão consciente sobre a morte e o luto são exclusivamente humanas até mesmo porque esses são termos que só fazem sentido na experiência humana. Sobre isso, indicamos o artigo “Do Animals Experience Grief?”, escrito por Barbara J. King e publicado na revista *Scientific American*.

Eliana Aparecida de Paula Silva
Isabela Alline Oliveira
Viviane Cristina Cândido

humano está inserido, reforçando assim a importância da análise sociológica e antropológica sobre o tema.

Continuando com a contribuição da Sociologia, neste ensaio, refletimos acerca da obra de Norbert Elias (1897 – 1990), intitulada *A solidão dos moribundos* e a colocamos em diálogo com a reflexão acerca da obra de Friedrich Nietzsche (1844 – 1900), intitulada *Ecce Homo*, sem a pretensão de aprofundar e esgotar o assunto e sim com o intuito de evidenciar as pontes possíveis de uma perspectiva transdisciplinar entre e a Sociologia, a Saúde e a Filosofia diante das questões acerca da morte e do morrer.

A morte e o processo de morrer no pensamento de Norbert Elias

“A morte é problema dos vivos.” Por mais óbvia que essa sentença nos pareça, ela consegue resumir o que o autor pretende apresentar no decorrer do seu livro. Considerando que a morte é um problema somente dos humanos vivos porque somente eles sabem que morrerão, Elias se preocupa em construir uma análise sociológica da morte e do envelhecimento e como isso foi elaborado através das mais variadas épocas e dentro das mais diversas sociedades, a fim de evidenciar, considerando que a maior ameaça aos seres humanos são eles mesmos, que “não é a morte, mas o conhecimento da morte que cria problemas para os seres humanos.” (Elias, 2001, p. 10-11).

As chamadas sociedades industriais ocidentais distanciaram o processo de envelhecimento e a própria morte do cotidiano das pessoas. Em sociedades que precederam o que vivemos hoje, o envelhecimento e a morte eram coisas que aconteciam publicamente, dentro do círculo familiar e ao lado dos vizinhos. Mesmo que, muitas vezes, o convívio entre as gerações e os doentes não significasse que os idosos e moribundos

ganhassem uma atenção especial e que o restante da sociedade os tratasse de maneira amável. De qualquer forma, os indivíduos tinham essa realidade, a da doença, do envelhecimento, do processo de morrer e da morte, perto dos seus olhos, diferentemente do que ocorre nos dias de hoje (2001).

Para nos explicar como chega a esse raciocínio, Elias nos fala que a morte é um processo que começa quando os velhos e moribundos são afastados do convívio social e perdem o protagonismo das suas vidas, processo esse que tem seu ápice na hospitalização. Nesse momento e lugar, se evidencia o fato de que as pessoas que estão momentaneamente fora desse contexto, não se identificam com os moribundos, ou seja, os indivíduos nas suas mais variadas crenças e grupos sociais, querem deles se distanciar como forma de não se depararem com sua própria aniquilação ou a visualização do que pode acontecer àqueles que lhe são próximos e amados. (2001).

Olhando para os dias atuais, Elias destaca que, hoje, ainda que em várias sociedades os mais vulneráveis tenham direitos específicos, onde o Estado os protege e os mais abastados tenham condições de manter seus doentes próximos, os mesmos, independentemente de condições econômicas, são afastados, pouco a pouco, do convívio social, ficando cada vez mais isolados em suas próprias casas, em instituições e, como virá a analisar, nos hospitais, os quais contribuem para essa recusa em viver e conviver com os moribundos.

Nestes lugares tendem a viver tendo quase nenhum contato com os familiares e com os amigos que conquistaram ao longo da vida. Uma vida solitária, deixados de lado tanto pelos familiares quanto, na maioria das vezes, pelas próprias equipes de saúde por ser válida para todos nós a tese defendida por Elias em sua obra: nos afastamos dos moribundos porque não suportamos o fato de que eles nos lembram que podemos morrer e o mesmo pode acontecer para as pessoas que amamos.

Eliana Aparecida de Paula Silva
Isabela Alline Oliveira
Viviane Cristina Cândido

De acordo com Elias (2001, p.36), nos dias de hoje, além da mudança do local da morte das pessoas, os hospitais institucionalizaram a morte, submetendo os pacientes, muitas vezes, a uma morte asséptica, desprovida de humanização, preocupados apenas no cumprimento de protocolos, sem apresentar opções terapêuticas para esse momento específico de fim de vida, propriamente dito, sem levar em consideração o que indivíduo representa, sua história de vida e suas impressões sobre esse momento.

O contexto apresentado por Elias evidencia que, diante da morte, a prática institucionalizada pode restringir a autonomia do sujeito e, sobretudo, direcionar uma abordagem que reduz nossa própria condição humana

A morte é, inicialmente, um questionamento do indivíduo. Somos lançados ao mundo e sabemos que, no horizonte, paira e nos espera um fim. Um fim que nos interroga, provoca e nos organiza. A morte e a finitude apresentam-se como um limite e o limite impulsiona a sociedade a pensar-se e a organizar-se. Criam-se soluções para diminuir o número de mortos e para prolongar a longevidade. Por isso, Elias afirma que as definições sobre morte e os rituais correspondentes tornam-se um aspecto da socialização (2001, p.10).

Na música *Não tenho medo da morte*, Gilberto Gil faz a seguinte menção: “não tenho medo da morte, mas sim medo de morrer. Qual seria a diferença? Você há de perguntar. É que a morte já é depois, que eu deixar de respirar, morrer ainda é aqui”. Essa distinção entre morrer e a morte, nos parece pertinente e necessária para pensar sobre a vida nesse lastro de tempo que separa a morte, entendida como o cessar os sinais vitais, ou seja, pensar o morrer como o processo de transição da vida para a morte. No entanto, é necessário entender tais processos que permeiam a vida, por meio da discussão e reflexão que possam contribuir para a qualidade de vida e de morte.

Essa discussão tem relevância, por exemplo, no contexto das doenças crônicas e dos cuidados paliativos porque são áreas da saúde que se propõe a pensar a saúde levando em conta os diferentes aspectos da vida que é preciso considerar para “promover” e prover de fato a saúde. Não se trata apenas de melhorar as condições clínicas, mas de analisar a saúde dentro de um aspecto mais amplo que envolve o ser humano e as relações sociais da qual ele faz parte.

Contudo, ao mesmo tempo que tentamos evitar pensar na morte, tendemos a fortalecer em nós a nossa convicção de que nós e nossos entes queridos poderemos evitá-la. Estamos constantemente expostos à iminência tanto da morte individual (seja pelo aumento da criminalidade, dos acidentes de trânsito, por enfermidades), quanto da morte coletiva (ocasionada por guerras, catástrofes ambientais ou pandemias). Essa contradição poderia diminuir se pensássemos na morte não como uma ameaça constante, mas sim como algo inerente à vida e parte da condição humana, o que tornaria possível, inclusive, olhar para a morte coletiva buscando possibilidades de evitá-la ou minimizá-la, sempre e quando houverem meios para tanto.

Falar e refletir sobre a morte é importante e didático. Para Elias, tratamos a morte com desconforto e passamos, uns aos outros, o pensamento que a morte é um mistério, cheio de segredos e deixamos de perceber que a morte não tem segredos. Não abre portas. Conforme reflete Elias:

É o fim de uma pessoa. O que fica, o que sobrevive é o que fizemos para as outras pessoas e o que essas pessoas fizeram por nós. O que fica de nós nas memórias dos indivíduos. E assevera: “Se a humanidade desaparecer, tudo o que qualquer ser humano tenha feito [...] torna-se sem sentido. (Elias. 2001, p. 77).

A reflexão de Elias nos leva a compreender a morte como um evento inevitável e final, desprovido de mistérios. Ele destaca que o

Eliana Aparecida de Paula Silva
Isabela Alline Oliveira
Viviane Cristina Cândido

verdadeiro legado de uma vida reside nas memórias e nos atos que compartilhamos com os outros. O sentido da existência se perpetua, não na continuidade individual, mas no impacto que nossas ações têm sobre aqueles que nos rodeiam. Quando pensamos a morte dessa forma, ela deixa de ser um tema inacessível e se transforma em um elemento que nos conecta ao coletivo. É nesse legado de experiências e interações que encontramos significado, mesmo diante da finitude humana. Assim, ao encarar a morte como parte integrante da vida e não como um fim isolado, podemos ressignificar nossa relação com ela e com as próprias interações sociais.

A morte e o processo de morrer no pensamento de Friedrich Nietzsche

Os pensadores e filósofos desde sempre se perguntaram sobre a morte, o porquê da morte, a nossa morte ou daqueles que somos próximos.

Cícero (106-43 a.C), já no fim da sua vida, escreve *Discussões Tusculanas*, Cic. Tusc. Disp., I, V. 9), nessa obra ele fala da morte, da imortalidade da alma, com o objetivo de dissuadir os indivíduos do medo da morte. A morte não é um mal, é a busca da verdade não é resultado da curiosidade humana, mas sim, do medo da decadência, da morte. Para Cícero, “filosofar não é outra coisa senão preparar-se para a morte” (I 20, pg. 120).

Em seu ensaio intitulado *Que filosofar é aprender a morrer*, Michel de Montaigne (1533-1592) parte da máxima de Cícero para propor um pensar sobre a morte. Seus argumentos defendem a necessidade de uma antecipação mental da morte para que o temor que ela provoca possa desaparecer, deixando de ser um grande empecilho para a boa condução da vida.

Compreendendo a morte como certeza, Montaigne afirma que “Quanto a tudo mais podemos dissimular. [...] Mas na última cena a que se representa, entre nós e a morte, não há como fingir, é preciso explicá-lhe com precisão e linguagem clara e mostrar o que há de autêntico e bom no fundo de nós mesmos.” (2017, p.118).

Há um aprendizado em relação à morte, é preciso suportá-la e combatê-la e retirar dela a vantagem que tem sobre nós, tomando um caminho oposto ao comum “retiremos dela a estranheza, pratiquemo-la, acostumemo-nos a ela, nada tenhamos com tanta frequência na cabeça quanto a morte” e afirma: “Assim faziam os egípcios, que no meio dos seus festins e entre as melhores comidas, mandavam trazer a múmia de um homem para servir de advertência aos convivas” (2017, p. 109).

Acerca do filósofo Friedrich Nietzsche (1844 – 1900), do ponto de vista de uma compreensão pela sociologia e, quiçá pela saúde, como área do conhecimento, importa trazermos alguns recortes de sua biografia que nos permitirão entender melhor o seu pensamento. Nietzsche nasceu no presbitério de Roecken, numa região da Turíngia anexada à Prússia. O pai, pastor luterano, morreu com uma encefalite em 1849, quando Nietzsche tinha apenas cinco anos. Em *Ecce Homo*, sua obra de 1888, considerada por muitos como uma autobiografia, relata a forte ligação que tinha com o pai e de sua solidão intelectual desde cedo.

Fez seus estudos em Bona e em Leipzig. Aos 24 anos já era catedrático na Universidade da Basileia, onde permaneceu por 10 anos. Sua saúde foi progressivamente debilitada, as dores de cabeça eram constantes e se juntavam às indisposições gástricas, as dificuldades de visão e de articulação das palavras. À parte sua intensa atividade, dirigida por um interesse crescente pela fisiologia, em 1879, teve sua carreira

acadêmica interrompida por problemas de saúde, o que não impediu as atividades de seu pensamento e sua escrita.⁵

Nietzsche fez o enfrentamento constante de seu estado enfermo, enfrentamento este que só cabia a ele, posto que os médicos da época disseram que não havia mais nada a fazer, sua enfermidade vinha de seu pai, estava destinado à morte, entretanto, o filósofo se percebia vivo “A fortuna de minha existência, sua singularidade talvez, está em sua fatalidade: diria em forma de enigma, que como meu pai já morri, e como minha mãe ainda vivo e envelheço.” (Nietzsche, 2008, p. 21). Em suas palavras: “A doença libertou-me lentamente: poupou-me toda a ruptura, toda a diligência violenta e escabrosa... Ela conferiu-me o direito de modificar radicalmente os meus hábitos” (APUD Deleuze, 1985, p. 12). A doença o preparou para conhecer e entender a vida e a morte. Realizando esse trabalho de pensar a partir de sua própria experiência, falou sobre a vida, a saúde, a doença e também a morte.

Dessa forma, podemos dizer que a morte nos coloca diante do sentido da nossa existência. A questão é vivenciar o caminho da morte. Que ela venha de modo lento ou abrupto, com violência ou suavidade, ela propõe ao homem, num instante, o desafio de pensar sua própria condição.

O caminho para ela pode ser longo ou curto. A doença é o preâmbulo da morte. Morrer é diferente da morte. Para Nietzsche o

5 Em *Ecce homo*, Nietzsche nos conta em que condições produziu, por exemplo, *O nascimento da tragédia; Humano, demasiado humano; A gaia ciência; Assim falou Zarathustra*. Condições de saúde e como seu pensamento se fez com e não apesar dessa condição. Paulo César de Souza introduziu sua tradução dessa obra, pela Companhia das Letras, com um *Sumário cronológico da vida de Nietzsche*, utilizando para tanto, trechos das cartas de Nietzsche, que aqui citamos para enfatizar esse movimento do pensamento do filósofo a partir do seu ser – e ser com uma doença: “Se não invento a alquimia de transformar essa imundície em ouro, estou perdido.” (a Overbeck, 25/12/1882). “sem qualquer exagero, faz agora um ano em que não houve *um* dia em que eu me sentisse bem disposto (*sic*) e contente de corpo e de espírito.” (a Overbeck, 30/06/1987).

homem é o animal mais doente entre todos os outros, ante sua finitude. Ele nos mostra que o processo que passamos quando temos uma doença é um caminho de reconhecimento do que passamos durante a vida toda. Sou mais que uma doença, tive uma vida inteira para me preparar para a morte e como tão bem diz Gilberto Gil, na sua canção *Aqui e agora, (...) Aqui e agora aqui de onde o olho mira, agora que o ouvido escuta, o tempo que a voz não fala tempo, mas que o coração tributa*. ou seja, aquilo que nós vivenciamos e sentimos, servirá para a nossa reflexão sobre a morte, no momento da nossa morte. É o processo que nos leva à morte, é o que nos dá medo, que muitas vezes pode nos levar a conclusão que não vivemos, pois não aproveitamos nada daquilo que temos à nossa frente. E nem sempre, os profissionais da saúde estão focados nessa questão, se preocupam mais em cuidar das doenças, mas não de ajudar o ser humano que passa por esse momento.

A percepção da morte para Nietzsche se faz através da experiência que ele mesmo sentiu com a perda precoce da sua saúde e ao constatar o declínio da sua vida.

O filósofo já tinha diagnósticos médicos que o desacreditaram e lutou contra o poder médico. Ele sabia da sua finitude, mas queria saber como ele iria viver até lá. A morte sempre foi muito próxima a ele, uma vizinha constante e mesmo enfrentando isso de frente todos os dias da sua vida, ele permaneceu fiel a sua vida terrestre, seu maior bem. A liberdade nasce antes da submissão. A vida não é eterna, somos mortais.

A companhia da morte não deve destruir a nossa existência. Ao contrário, para Nietzsche a vida constitui ao mesmo tempo, decadência e princípio” (2008, p. 21). Mas que lugar ocupa a saúde e a doença na obra de Nietzsche? Ele se considera experiente, pois passou por muitas situações de declínio da sua saúde e isso como diz ele depois que viveu com todos os sintomas da sua doença: “[...] descobri, por assim dizer, novamente a vida, a mim mesmo inclusive, apreciei todas as coisas boas

Eliana Aparecida de Paula Silva
Isabela Alline Oliveira
Viviane Cristina Cândido

até as pequenas, como não é fácil que os outros possam apreciá-las – construí minha vontade de saúde, de vida, minha filosofia...” (2006, p. 23).

O filósofo em questão não se importava em pensar na redenção das dores somente com a morte e assim obter no “céu” a recompensa por tudo aquilo que sofreu na vida. Ele, especialmente, acreditava na perspectiva de ver a própria doença, de pensar sobre ela e enfrentá-la e fazer da experiência do adoecimento um lugar de reflexão.

Nietzsche faz uma crítica à sociedade que valoriza a Ciência e o método. A professora da Universidade de São Paulo, Scarlet Marton, especialista na filosofia de Nietzsche, nos fala no vídeo, *Nietzsche, o filósofo da suspeita* (2021), que o filósofo é chamado assim por muitos porque as suas indagações nos levam a suspeitar das nossas convicções, posto que ele mesmo suspeita das sua natureza humana, dos preconceitos existentes enfim de tudo aquilo que acreditamos e que, nem sempre, corresponde ao real, à realidade. Ele se coloca contra os dualismos. Diz que não há resposta para o sofrimento. E ainda adiciona que também não adianta nada ser ateu e ser um covarde perante a vida. O que interessa para ele é a vida. E viver é sempre um processo instável, justificando esse raciocínio através do pensamento do filósofo grego Heráclito, que diz que a vida é movimento, é uma luta, não uma luta externa, mas uma luta interna. Vida e morte são indissociáveis, não há uma separação entre elas.

A partir da leitura da sua obra *Ecce Homo*, percebemos que cada capítulo nos traz a percepção que a força da experiência fez Nietzsche entender a vida, a morte e tudo o que há na linha que as une, como pensou Schopenhauer. O nosso pensamento muda de acordo com o lugar de onde falamos e isso contribui para o nosso autoconhecimento e Nietzsche falava do lugar do seu *estar* doente.

No livro que citamos anteriormente, os quatro primeiros capítulos trazem para nós a percepção de como a sua doença e o seu sofrimento, se tornam seus aliados para gerir a sua própria cura.

“Ecce Homo” faz alusão à expressão latina “Eis o homem”. Nietzsche nos mostra quem ele é, alguém além da doença. Um homem alquebrado pelas constantes dores de cabeça, portador de um mal-estar constante, mas que procurava estudar para compreender a sua própria doença e através dessa doença descobrir a si mesmo. Como diz Nietzsche, “a minha humanidade é uma constante superação de si.” (2006, p.32). Ser humano é lutar contra os nossos ressentimentos, é entender que o sofrimento faz parte da vida e que é impossível estar sempre bem, para o filósofo alemão, aceitar a morte sem temor algum é trair um impulso vital, porém existe uma maneira de nos livrarmos dessa angústia que seria “morrendo no tempo certo”. Na maioria das vezes, a família, a religião, a moral e as instituições médicas criam alguns valores que nos impedem de viver em liberdade. Isto tudo nos gera angústia e isso se dá porque não vivemos a vida da nossa maneira, não fazemos o que queremos. Ou seja, ao invés de vivermos a vida da nossa maneira, somos vividos por ela.

Para Nietzsche, portanto, é quando nos damos conta de que vivemos com liberdade, da nossa maneira e que realizamos satisfatoriamente as nossas vontades. A partir daí, a morte perderia seu caráter aterrorizante, pois tem-se a certeza de que se vive da melhor forma possível.

A discussão teórica aqui apresentada lança um olhar sobre a filosofia, especialmente sobre como esse tema, que perpassa o pensamento de vários filósofos, pode ser abordado de um ponto de vista temático, visando uma interlocução transdisciplinar entre filosofia e saúde.

A filosofia como lugar de produção de conceitos se mostra como uma linguagem capaz de sustentar, em conjunto com o conhecimento clínico das ciências da saúde, uma área de conhecimento, a filosofia da saúde, profunda em termos de investigação imersiva e altamente prática na capacidade de instrumentalizar a prática multiprofissional.

Eliana Aparecida de Paula Silva
Isabela Alline Oliveira
Viviane Cristina Cândido

Além disso, poderíamos mencionar outras narrativas e linguagens como necessárias para narrar e colocar em perspectiva a morte e o morrer, tais como a literatura, a música e as artes em geral. Afinal, onde a saúde e a filosofia não chegam, essas manifestações são outras formas de narrar nossas experiências de vida e morte.

A Filosofia da Saúde e a Transdisciplinaridade

Após as reflexões de Norbert Elias e Nietzsche sobre a morte, fica evidente que o tema do morrer é uma questão central na filosofia, especialmente no que tange à preparação para a morte e à maneira como ela impacta nossa existência. Essas ideias, no entanto, não se restringem apenas ao campo filosófico e sociológico. Elas podem ser aplicadas à prática de saúde contemporânea, onde o processo de morrer é abordado não apenas de forma técnica, mas considerando também o sujeito em sua integralidade.

Nesse contexto, a transdisciplinaridade surge como uma abordagem, pois ela integra os saberes da filosofia e da saúde, propondo um cuidado que reconhece a individualidade do sujeito, respeitando sua autonomia no processo de morrer. Na Filosofia da Saúde, a transdisciplinaridade permite interligar os aspectos clínicos com as dimensões subjetivas do cuidado, propondo uma prática em que a morte é encarada como parte inevitável da vida, e o cuidado é centrado tanto no tratamento das doenças quanto na dignidade do ser humano até o fim de sua existência.

Dialogando com essa temática, em *Saúde e Transdisciplinaridade: a importância da subjetividade nos cuidados médicos* (2013), Patrick Paul discute sobre o desafio de construir uma

abordagem para o cuidado médico que se faça transdisciplinar, isto é, seja uma ferramenta de construção do saber que considera o sujeito, vejamos:

É preciso, portanto, reconhecer os discursos e métodos que mantêm o sujeito na categoria de objeto e aqueles que efetivamente o valorizam. Sair desse impasse supõe, sem dúvida, o envolvimento em metodologias construídas a partir da utilização de saberes cruzados: os dos profissionais, de um lado, e os dos pacientes, do outro. Nessas, lógicas, não raro opostas umas às outras, uma metodologia de cruzamento, de tecelagem, de tensão contraditória e de paradoxo, como propõe a epistemologia transdisciplinar, pode revelar-se das mais oportunas. (p. 153).

Na Filosofia da Saúde, a transdisciplinaridade é considerada como uma alternativa tanto para o contexto de institucionalização da morte (como o descrito por Elias), quanto para orientar a prática em saúde (como proposto por Paul). Isso se deve ao fato de que a transdisciplinaridade é encarada como uma ferramenta de intervenção no cuidado em saúde que leva em conta o sujeito e interage com ele, especialmente no contexto da morte.

Para os profissionais da saúde, em contexto de institucionalização ou não, a transdisciplinaridade é uma ferramenta capaz de possibilitar o posicionamento diante da morte e do moribundo, reconhecendo sua autonomia. Ao fazê-lo, também se reconhece a própria condição humana, pois a morte é inevitável para todos nós. A transdisciplinaridade, portanto, também cria um ponto de encontro entre o moribundo e seu cuidador.

Nesse sentido, a transdisciplinaridade representa uma mudança de paradigma na maneira como entendemos e abordamos a morte no contexto da saúde. Ao incluir o sujeito no cuidado, a transdisciplinaridade permite que os pacientes sejam tratados com dignidade e respeito a sua autonomia até o fim de suas vidas. A transdisciplinaridade inclui os próprios sujeitos profissionais, na medida em que são convocados a um olhar para si mesmos e os outros-profissionais e seus saberes, o que permite vislumbrar o outro-paciente de maneira ampliada, possibilitando um cuidado

Eliana Aparecida de Paula Silva
Isabela Alline Oliveira
Viviane Cristina Cândido

verdadeiramente conjunto, por parte dos profissionais, e que vai ao encontro da experiência singular desse outro-paciente.

A Filosofia da Saúde, por meio da transdisciplinaridade, insere, no contexto do cuidado, uma possibilidade formativa tanto para os profissionais de saúde, como para todos aqueles envolvidos no processo de cuidado, como as famílias e o próprio paciente. Essa perspectiva formativa pode ser entendida como a aquisição de um repertório que sustente as diferentes perguntas envolvidas no processo de morrer, sejam elas de âmbito clínico, sejam elas de cunho filosófico existencial.

Isso implica em reconhecer por um lado, que nosso repertório formativo no âmbito das diferentes disciplinas da área da saúde, é insuficiente para lidar com algumas questões que permeiam de forma determinadamente o contexto profissional da saúde, por isso a formação contínua e interdisciplinar⁶ pode ser uma alternativa para ampliação desse repertório teórico-prático.

Também nessa perspectiva, o olhar sobre a institucionalização da morte, proposto por Elias, permite perceber as diferentes e complexas dimensões que se colocam para o moribundo e seu cuidador diante da morte: a autonomia como perspectiva dos direitos humanos, a abordagem clínica e os aspectos filosóficos que levam a institucionalização como afastamento do fenômeno da morte. Diante dessas questões, seria razoável pensar que nenhuma das disciplinas, nem mesmo nossas vivências cotidianas, são suficientes perante a morte. Nesse caso, a abordagem transdisciplinar inclui a abordagem multiprofissional, pois entende que os sujeitos implicados no processo de cuidado são fundamentais para ampliar a capacidade coletiva de lidar com o fenômeno da morte e do morrer.

6 Por interdisciplinar entendemos a formação que integra diferentes áreas de conhecimento. Tendo em vista que o conceito de transdisciplinaridade é proposto como mais abrangente pois envolve os sujeitos no processo de cuidado.

Do ponto de vista da transdisciplinaridade o saber proposto pela Filosofia, pela Saúde e pela Sociologia podem e devem ser integrados, afinal, para cada uma dessas áreas de conhecimento a morte é tomada de uma perspectiva. Rompendo a barreira das disciplinas, somos capazes de perceber a morte não apenas como cessar irreversível das funções vitais de um organismo, baseada em critérios clínicos. A transdisciplinaridade pela via da Filosofia da Saúde amplia nosso olhar sobre a morte e sobre o morrer.

Considerações finais

A morte e o morrer são temas complexos que permeiam não apenas a existência humana, mas o próprio saber. Ao longo deste artigo, exploramos as reflexões de Norbert Elias sobre a morte como fenômeno social e a institucionalização da morte e as reflexões de Nietzsche que se fizeram a partir da sua própria experiência, a constatação do declínio da sua vida e estabelecemos o diálogo entre esses saberes por meio de uma Filosofia da Saúde que visa articular e fundamentar a interface entre Filosofia, outros saberes, aqui, notadamente, a Sociologia e Saúde.

Destacamos a importância da transdisciplinaridade como uma abordagem metodológica para refletir sobre a morte para além das fronteiras disciplinares, permitindo uma análise mais ampla e integrada que considera tanto os aspectos objetivos quanto os subjetivos desse fenômeno. A transdisciplinaridade na Filosofia da Saúde surge como uma ferramenta essencial para orientar a prática em saúde de forma mais humanizada e respeitosa, reconhecendo a autonomia dos indivíduos até o fim de suas vidas, possibilitando colocar-nos diante da morte e do moribundo

Eliana Aparecida de Paula Silva
Isabela Alline Oliveira
Viviane Cristina Cândido

Por fim, enfatizamos que, ao integrar os saberes da Filosofia, Sociologia e Saúde, delineando a especificidade de uma Filosofia da Saúde, somos capazes de enxergar a morte não apenas como um evento biológico, mas como um fenômeno multifacetado que reflete as complexidades da condição humana. Essa abordagem transdisciplinar amplia nosso entendimento sobre a morte e nos convida a repensar nossas concepções e práticas em relação ao cuidado e à assistência em saúde diante desse inexorável aspecto da existência.

Referências Bibliográficas

ARENGBERI, S. *Morrem nos hospitais brasileiros 819 pacientes por dia*. *Jornal USP*, 2017. Disponível em: <http://jornal.usp.br/atualidades/morrem-nos-hospitais-brasileiros-819-pacientes-por-dia/>. Acesso em: 08 jun. 2023.

CALÇADO, T. *O Sofrimento como redenção de si. Doença e vida nas filosofias de Nietzsche e Pascal*. Paulus, 2012.

CÍCERO, M.T. *Discussões Tusculanas* [online]. Tradução de Bruno Fregni Bassetto. Uberlândia: EDUFU, 2014. (Coleção Estudo Acadêmico, n. 4). Disponível em: <http://books.scielo.org/id/72kk4>. Acesso em: 08 jun. 2023.

CHAUÍ.M. *História da Filosofia*. Vol. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DELEUZE, G. *Nietzsche et a Philosophie*. Paris: PUF, 1965.

DURKHEIM, E. *As regras do método Sociológico*. Trad. Maria Isaura de Pereira Queiroz. São Paulo: Companhia das Letras Editora Nacional, 1974.

ELIAS, N. *A solidão dos moribundos, seguido de Envelhecer e morrer*. Tradução, Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

Houaiss, Antônio (Ed.). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa Online*. Versão eletrônica. Acesso em 23 de maio de 2024.

MARTON, S. *Nietzsche, o filósofo da suspeita*. Youtube: O canal Agenciamentos Contemporâneo, 26 abr. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xxxx>. Acesso em: 08 jun. 2023.

MONTAIGNE Michel de. *Ensaio: Que filosofar é aprender a morrer e outros ensaios*. Trad. Julia da Rosa Simões. Porto Alegre: L&PM, 2017.

NIETZSCHE, F. *Ecce Homo. Como alguém se torna o que é*. Tradução de Antonio Carlos Braga. São Paulo: Editora Escala, [s.d.].

NIETZSCHE, F. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Trad., notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NIETZSCHE, F. *Obras incompletas*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).

PAUL, Patrick. *Saúde e Transdisciplinaridade: A Importância da Subjetividade nos Cuidados Médicos*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

Eliana Aparecida de Paula Silva
Isabela Alline Oliveira
Viviane Cristina Cândido

WHO – World Health Organization. *World health statistics 2023: monitoring health for the SDGs, Sustainable Development Goals*. Geneva: WHO, 2023. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240063142>. Acesso em: 08 jun. 2023.

GIL, Gilberto. Tempo rei. Letras.mus.br. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gilberto-gil/46186/>. Acesso em: 08 jun. 2023.

GIL, Gilberto. Drão. Letras.mus.br. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gilberto-gil/1288009/>. Acesso em: 08 jun. 2023.